



EDITORA NOVA FRONTEIRA

NO PAÍS DE OBAMA

O jornalista brasileiro Rodrigo Alvarez cruza os EUA para conhecer todas as faces de um país marcado pela diversidade e ouvir o povo que aguarda a posse de seu novo governante.

Às vésperas da eleição de seu primeiro presidente negro e em meio a uma das mais graves crises econômicas dos últimos cem anos, os Estados Unidos têm sua intimidade invadida pelo jornalista brasileiro Rodrigo Alvarez, que, ao traçar uma jornada à “América profunda”, tenta desvendar a verdadeira identidade do povo americano. O resultado dessa viagem é o livro *No país de Obama*, lançamento da Editora Nova Fronteira, uma reportagem em forma de *road book* que mostra as peculiaridades da autointitulada “terra dos livres e lar dos corajosos” no calor de um momento-chave de sua história. Imperialistas alienados para uns e grandes defensores da liberdade para outros, Rodrigo mostra que os americanos são tudo isso e um pouco mais: uma nação extremamente plural e contraditória, dividida muito mais por afinidade moral — idéias sobre aborto e pena de morte, por exemplo — do que por questões políticas e econômicas.

Evocando Tocqueville e Jack Kerouac, porém com uma linguagem acessível e atual, o autor põe o pé na estrada para entrar em contato direto com a imensa gama de culturas e pensamentos que constitui os EUA. Partindo de São Francisco, na Califórnia, e seguindo até Nova Orleans, na Louisiana, Rodrigo, acompanhado pelo cinegrafista Sérgio Telles, cruza o país praticamente de um extremo a outro. Em 17 dias, atravessando desertos e se esquivando de furacões, a dupla encontrou andarilhos no Tennessee, desempregados em Indiana, mórmons no Utah e, em toda parte, cristãos, muçulmanos, negros, brancos, democratas, republicanos, constitucionalistas, libertários. Americanos, enfim, com diferentes expectativas para os próximos anos e diversas opiniões sobre os tempos conturbados que vivem.

“A proposta era muito clara: não marcar entrevistas, fazer apenas um roteiro de viagem e ser levados pelo que acontecesse no caminho”, explica o autor. “Fomos à procura de retratos americanos, personagens que pudessem ajudar a entender o que estava acontecendo com a Superamérica, poucos dias antes do fim da era Bush. Poucos dias antes de podermos afirmar, inequivocadamente, que estávamos no país de Obama.”

Nos 18 estados que percorreu, Rodrigo se deparou com rostos e palavras surpreendentes. Gente como Peggy Harmon, dona de uma igreja no Alabama que pensou que



EDITORIA NOVA FRONTEIRA

o jornalista fosse um enviado de Obama para cortar sua garganta; como George e Edsel, que resolveram seguir a pé de cidade em cidade oferecendo serviço, mas só se depararam com desemprego; como Henry Berg, libertário militante (defensor da liberdade individual extrema, o que inclui o direito irrestrito de portar armas) e morador de Belmont, uma verdadeira cidade fantasma no estado de Nevada — tem sete habitantes no inverno e 16 nas temporadas mais quentes; ou como Simon Faye, negro idoso de um subúrbio de Chicago que, com seu terno branco de cerimônia e pouquíssimas palavras, foi capaz de representar como ninguém o espírito americano.

Os EUA são um país que, apesar da comoção causada pela vitória de Barack Obama, eleito com 63 milhões de votos, continua rachado: seu adversário John McCain teve o apoio de 57 milhões de eleitores, uma diferença consideravelmente sutil para uma nação tão intensa. Rodrigo nos lembra que, em geral, os americanos são pessoas pragmáticas e maniqueístas que, dentro de suas inúmeras contradições, seguem regras muito claras. Como Caetano Veloso sintetiza muito bem na epígrafe do livro, “para os americanos branco é branco, preto é preto (e a mulata não é a tal)/ Bicha é bicha, macho é macho/ Mulher é mulher e dinheiro é dinheiro.” Ainda assim, *No país de Obama* apresenta ao leitor brasileiro um americano que raramente é visto nos filmes e nos noticiários: uma figura multiforme incapaz de ser reduzida a um estereótipo.

SOBRE O AUTOR

Rodrigo Alvarez, carioca, é correspondente da Rede Globo nos Estados Unidos desde 2006. Cobriu as eleições presidenciais baseado em São Francisco, na Califórnia, o maior colégio eleitoral americano, e atualmente vive em Nova York — onde produz reportagens para os telejornais da Globo e apresenta o programa Mundo S/A, da Globo News. Participou de grandes coberturas, como o massacre na Universidade Virginia Tech, os 30 anos da Guerra do Vietnã, a Copa do Mundo de 2002 e os primeiros dias do Euro na Europa. Antes da carreira internacional, trabalhou como repórter no Rio de Janeiro e em São Paulo. Cobriu, com exclusividade, o naufrágio da plataforma de petróleo P-36.



EDITORA NOVA FRONTEIRA

TRECHOS

"Você me pergunta sobre as eleições... temos que falar com Deus, o Pai... eu não sei nada sobre candidatos, exceto o fato de que temos que rezar para que esses homens sejam homens de Deus porque, se não forem, Deus vai ter que mudar isso." — Peggy Harmon, dona de uma igreja em Nashville (Tennessee).

"Não me preocupo com a religião do presidente. Os políticos precisam entender que somos todos americanos e que quando mandamos eles pra Washington, não mandamos republicanos nem democratas: mandamos americanos." — John Roberts, ex-combatente da Guerra do Vietnã, habitante de Cedar Rapids (Iowa).

"Se você não vota no Obama você perde a carteirinha de negro." — Jovem jogador de basquete num subúrbio de Chicago (Illinois).

"Todos aqui temos armas e não vamos nunca abrir mão desse direito... É melhor que nos matem antes de tirarem as nossas armas." — Henry Berg, dono de bar em Belmont (Nevada).

"Odeio a nossa política externa, não gosto da guerra, não gosto de um monte de coisas." — Jean, ciclista e funcionário público do estado de Washington.

"Somos pessoas que acreditam em fé, família e liberdade. Acreditamos que quando um pai mórmon chega em casa de noite e passa um tempo com os filhos, as coisas melhoram naquela família... Acreditamos que quando os pais mórmons levam seus filhos pra igreja no domingo, as coisas melhoram pra nossa comunidade." — Lewis Billings, prefeito de Provo (Utah).

"Apesar das nossas diferenças, muito mais nos une do que nos separa. Somos companheiros americanos e essa forma de associação significa muito mais pra mim do que qualquer outra." — John McCain, candidato republicano à presidência, ao reconhecer a vitória de seu adversário Barak Obama.



EDITORA NOVA FRONTEIRA

Duas perguntas para o autor

Como você responderia as perguntas que abrem o livro: o que pensam os americanos sobre esses tempos complicados em que vivem e o que eles esperam do novo presidente?

RA: Barack Obama é o presidente mais esperado das últimas décadas. Carrega um simbolismo de esperança tão forte que corre o risco de decepcionar aqueles que aguardam a chegada de um messias, alguém que livre os americanos dos males da Era Bush.

Mas, percorrendo o país de ponta a ponta, como fizemos, descobre-se que existem inúmeros tipos de americanos: desde o velho libertário, com amor às armas e ódio aos governos, até a dona de uma igreja no Alabama, que acha que o fim do aborto resolveria o problema econômico e sugere que se Obama não for um bom homem será retirado por Deus.

O que se pode dizer com certeza é que, no país combatido, mesmo aqueles que não votaram em Obama esperam por algum tipo de mudança.

Qual a sua opinião sobre as primeiras ações e declarações de Obama após a eleição?

RA: Obama montou uma equipe mais ao centro do que se esperava e saiu em à procura do que aqui no Estados Unidos se chama de bipartidarismo, ou seja, tenta fazer com que republicanos e democratas deixem as pequenezas políticas de lado para trabalhar apenas em nome dos americanos. Quer sentar-se à sua mesa presidencial, no próximo dia 20, com um pacote econômico pré-aprovado e apoio em massa no Congresso. Vai ser difícil.

Mas, como ele mesmo diz, há um certo "momentum" favorável ao novo mandatário. Para liberar dinheiro na economia e desafogar os americanos, Obama resolveu adotar uma estratégia usada amplamente por Bush: corte de impostos. Claro que pretende fazer isso de um jeito diferente, apostando no alívio à Classe Média e não aos milionários. Obama ainda nem começou mas dá sinais inequívocos de que está pronto para atravessar a tempestade. Se vai conseguir? Provavelmente. Em quanto tempo? Nem ele arriscaria dizer.



EDITORA NOVA FRONTEIRA

Informações para a imprensa:

Approach – Gestão de Informação

João Veiga – joao.veiga@approach.com.br

Stefania Tolomeotti – stefania.tolomeotti@approach.com.br

Cláudia Montenegro – claudia.montenegro@approach.com.br

Tel.: 21. 3461-4616 ramais 151, 181 e 136 – <http://www.approach.com.br>